

TRANSFORMAÇÃO MOTRIZ DA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A CULTURA FÍSICA OCUPANDO ESPAÇOS FORMAIS E INFORMAIS

Felipe Canan

felipe.canan@gmail.com

Universidade do Estado do Amazonas, AM

Jandre Santiago Amorim de Araujo

Universidade do Estado do Amazonas, AM

Fernando da Silva Oliveira

Universidade do Estado do Amazonas, AM

RESUMO

A prática motriz (motricidade, movimento humano) na escola vai muito além dos momentos formais de ensino-aprendizagem mediados por um professor, desenvolvendo-se também em âmbito informal, espontâneo, autônomo e lúdico. Nessa perspectiva, apresenta-se um relato de experiência de projeto de extensão que objetivou diagnosticar e aprimorar espaços próprios e potenciais para prática motriz em escolas municipais de diferentes realidades administrativas do município de Manaus. Metodologicamente, diagnosticou-se o espaço de 8 escolas, sendo escolhidas duas para receber uma intervenção no sentido de aprimoramento dos seus espaços para estímulo da prática motriz dos alunos. Em cada escola foram realizadas diversas pinturas de jogos, brincadeiras e estruturas esportivas, maximizando espaços até então pouco utilizados e, com isso, estimulando o desenvolvimento motriz autônomo das crianças, além de alegrar o ambiente escolar. Apesar de dificuldades de várias naturezas enfrentadas, foi possível concluir o projeto, que se mostrou viável e interessante para projetos e políticas públicas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Motricidade. Cultura física. Esporte para todos.

MOTOR TRANSFORMATION OF SCHOOL: AN EXPERIENCE ON PHYSICAL CULTURE OCCUPYING FORMAL AND INFORMAL SPACES

The motor practice (motricity, human movement) at school goes far beyond formal teaching-learning moments mediated by a teacher, also developing in an informal, spontaneous, autonomous, and playful environment. From this perspective, an experience report of an extension project is presented, which aimed to diagnose and improve proper and potential spaces for motor practice in municipal schools of different administrative realities in the municipality of Manaus. Methodologically, the space of 8 schools was diagnosed, two of which were chosen to receive an intervention for improving their spaces to stimulate the motor practice of the students. In each school, several paintings of games and sports structures were carried out, maximizing spaces that were little used until then and, thus, stimulating the autonomous motor development of the children, besides brightening up the school environment. Despite difficulties of various natures faced, it was possible to complete the project, which proved to be viable and interesting for future projects and public policies.

KEYWORDS: Motricity. Physical culture. Sport for everyone.

ÁREA TEMÁTICA: Educação.

1 INTRODUÇÃO

Pensar o espaço escolar não é e não deve ser somente pensar nos processos oficiais de ensino-aprendizagem. Apesar da importância fundamental desses processos, a formação e o desenvolvimento humano e social perpassam também pelo campo do informal, da construção individual, grupal e coletiva das próprias vivências e aprendizagens. Esse é um dos fins principais da escola e, inclusive, dos processos formais de ensino-aprendizagem: a geração de autonomia para a vida. (COUNCIL OF EUROPE, 1976; FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2000;

COUNCIL OF EUROPE, 2001; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2015; BRASIL, 2017).

Ou seja, a escola não busca apenas a instrução propedêutica, acadêmica, erudita, mas também a formação integral dos indivíduos para que desenvolvam sua autonomia nos diversos campos de conhecimento e atuação humana e, assim, contribuam para uma melhor sociedade. Dentre esses campos, encontra-se a Educação Física e sua preocupação principal com o desenvolvimento motriz e físico do indivíduo.

Não diferente da escola como um todo, a Educação Física não se restringe e não deve se restringir aos processos formais de ensino-aprendizagem, devendo lançar seu olhar e sua preocupação também à criação de condições para uso e apropriação informal, espontânea, lúdica e auto-organizada de espaços e estruturas. Referenciais de diferentes matizes, inclusive, corroboram para essa compreensão, podendo ser citados o da cultura física, corporal ou de movimento (CAGIGAL, 1979; TUBINO, 1992; COELHO, 1992; COLETIVO DE AUTORES, 1992; GAYA; GAYA, 2013; BRASIL, 2017), o da Praxiologia Motriz e teorias estruturalistas e/ou sistêmicas de Educação Física (PARLEBAS, 2001; HERNÁNDEZ MORENO, 2005; THORPE; BUNKER; ALMOND, 1986; BAYER, 1994; KRÜGER; ROTH, 2002; MÉNDEZ GIMÉNEZ, 2009; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; BRASIL, 2017), o de desenvolvimento de potencialidades (talentos) humanas (COYLE, 2009) e o de inventivo à cultura física (esporte para todos) informal e comunitária, especialmente possibilitada por uma adequada infraestruturação físico-esportiva dos espaços sociais (BRASIL, 1983; COSTA; TAKAHASHI, 1983; COSTA, 1981; DIECKERT, 1984; PEREIRA, 1980).

Cada um à sua maneira, esses referenciais sugerem e estimulam que haja uma ampliação das práticas motrizes da sociedade e, somada ou até derivada dos processos formais de ensino-aprendizagem, sua apropriação espontânea, informal e lúdica. Fique claro, nenhum deles nega a importância e necessidade de processos formais de ensino-aprendizagem, inclusive também buscando oferecer subsídios para sua maior qualificação. Porém, buscam extrapolá-los, partindo do pressuposto de que uma verdadeira apropriação e incorporação de um estilo de vida ativo perpassa por diferentes âmbitos, inclusive o da prática informal, que devem ser somados.

Nesse sentido, ganha importância a ideia de infraestruturação dos espaços sociais e escolares para desenvolvimento quantitativo e qualitativo da diversidade humana. Em termos de motricidade, essa infraestruturação, estimulada sobremaneira entre as décadas de 1970 e 1980 com a plataforma política internacional e nacional chamada de Movimento Esporte para Todos

(BRASIL, 1983; COSTA; TAKAHASHI, 1983; COSTA, 1981; COUNCIL OF EUROPE, 1976; COUNCIL OF EUROPE, 2001; DIECKERT, 1984; PEREIRA, 1980), não exclusivamente e não necessariamente diz respeito à construção de espaços e estruturas próprios para práticas físicas diversas ou específicas, mas sim à melhor utilização de espaços e estruturas já existentes, adaptando-os para o desenvolvimento da motricidade.

Veja-se um exemplo simples: um pátio escolar pode ser entendido, por si só, como um espaço motriz, pois os alunos podem correr, brincar ou jogar sobre ele. Contudo, mediante um olhar e uma transformação pedagógica, a essas atividades podem ser acrescentadas outras que contribuem para diversificação e qualificação da motricidade. O mesmo pátio pode, por exemplo, receber pintura de diferentes brincadeiras, como amarelinha ou circuitos de deslocamentos, pintura de diferentes jogos populares/tradicionais ou institucionalizados, como queimada ou voleibol, pintura de instruções para movimentos de dança ou ginástica etc., além de paramentação com diferentes estruturas alternativas, como alvos desenhados ou aros presos a paredes, mini traves feitas com cabos de vassoura, balanços de pneus, entre várias outras possibilidades que não impedem as práticas até então existentes, mas, ao contrário, somam-se a elas.

Iniciativas como esta foram realizadas com sucesso pelo já citado Movimento Esporte para Todos, que, a despeito de encontrar-se desativado há anos em decorrência de mudanças político-ideológicas nas esferas governamentais, mantém presentes seus resultados até hoje nas estruturas sociais voltadas à motricidade: quadras poliesportivas públicas; playgrounds infantis públicos; espaços físico-recreativos em empresas e condomínios populares etc. (COSTA; TAKAHASHI, 1983; COSTA, 1981; DIECKERT, 1984). Ao mesmo tempo, iniciativas no sentido de transformação do espaço social e, principalmente, escolar em função da maximização da motricidade dos indivíduos e alunos têm sido desenvolvidas e relatadas como sendo de sucesso, como ressaltado por Méndez Giménez (2009).

Paralelamente, segundo os mesmos autores, essa ampliação das possibilidades do espaço motriz escolar pode estimular não apenas o uso pelos próprios escolares, mas também pela comunidade escolar como um todo (servidores, pais e responsáveis, vizinhos etc.). Além disso, não apenas o uso é estimulado, mas também o zelo, o cuidado com esse espaço, numa ideia de que seja despertado o sentimento de pertencimento, de comunidade. Ou seja, a ideia é que, sendo um espaço prazeroso, estimulante e aberto, as pessoas sintam-se incluídas e, com isso, busquem

constantemente cuidar dele e aprimorá-lo. Em outras palavras, a ideia é de, além de maximizar o desenvolvimento da motricidade, despertar um sentimento de participação comunitária.

Ainda que, por qualquer razão, política, econômica, estrutural etc., não seja possível o uso comunitário da escola, ela garante direitos de cidadania aos alunos, o que, por si só, já é de interesse da comunidade como um todo, formada por pais, responsáveis, vizinhos, comerciantes, eleitos ou elegíveis etc., direta ou indiretamente, relacionados a esses alunos.

Dessa forma, por mais que escolas públicas, principalmente em âmbito periférico e rural, tendam a apresentar dificuldades estruturais e financeiras, elas não precisam ser privadas de possibilidades ímpares de incentivo e desenvolvimento da motricidade dos alunos e, por que não, da comunidade. Se faltam espaços próprios por um lado, pelo outro, possivelmente apresentam espaços em potencial, bastando que sejam diagnosticados, identificados e transformados pedagogicamente.

Tendo essa perspectiva em vista, desenvolveu-se, no âmbito da Universidade do Estado do Amazonas um projeto de extensão com objetivo geral de aprimorar espaços e estruturas escolares tendo em vista diversificar, maximizar e qualificar a motricidade dos usuários, contribuindo para sua educação, cultura e saúde. Especificamente, buscou-se com o projeto:

- Diagnosticar espaços e estruturas próprios e potenciais para práticas físico-esportivas em escolas de diferentes realidades administrativas (municipal, estadual, particular, militar) no município de Manaus.

- Reestruturar e equipar duas dessas escolas com diferentes espaços e estruturas, pedagogicamente pensados para uso formal e informal, e apropriação autônoma por parte dos usuários, visando ampliar o desenvolvimento da motricidade e estimular um estilo de vida ativo.

- Estimular a conscientização e participação comunitária (universitária, escolar, empresarial) em relação à importância e zelo com o espaço e estruturas escolares.

- Incentivar políticas públicas de esporte, cultura física e lazer que pensem e estruturem o espaço escolar como *locus* de excelência para o desenvolvimento motriz (físico-esportivo) da sociedade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um relato de experiência do projeto de extensão Ciência, Comunitarismo e Transformação Motriz da Escola, desenvolvido pela Universidade do Estado do Amazonas no município de Manaus.

O projeto, que contou com a coordenação de um professor e a participação de quatro alunos graduandos em Educação Física, teve, como principal objeto, o espaço e a estrutura da própria escola, mas, obviamente, com isso, visou melhorar a educação, a cultura e a qualidade de vida/saúde dos alunos, sendo este o público-alvo principal. Secundariamente, visou a atingir a comunidade em dois âmbitos: no sentido de envolvê-la com o zelo pela escola, contribuindo para que a qualificação dos espaços/estruturas motrizes fosse possível; e no sentido de, futuramente, poder usufruir desses próprios espaços, em ações de abertura das escolas para uso informal e/ou oferta de programações físico-esportivas em horários não curriculares. Em terceiro lugar, o projeto teve como público-alvo o próprio poder público, no sentido de servir de exemplo para uma política pública mais ampla e concreta de garantia do direito ao esporte, cultura física e lazer. A estruturação do projeto deu-se a partir de cinco etapas:

1. Preparação teórica, a partir do estudo e apropriação dos referenciais teóricos de base. Com a soma desses referenciais, buscou-se que todos os integrantes do projeto adquirissem conhecimento e competência sobre as diferentes manifestações da cultura física e modalidades pertinentes a cada uma (por exemplo, o esporte é uma manifestação e o basquetebol, atletismo, canoagem etc. são modalidades), sobre a identificação, diferenciação, aproximação entre diferentes práticas motrizes e suas possibilidades de adaptação, a partir de conhecimentos próprios da praxiologia motriz, e sobre a identificação e adaptação de espaços e construção/adaptação de estruturas relacionados à motricidade, a partir dos conhecimentos relativos ao Movimento Esporte para Todos e de desenvolvimento de potencialidades humanas.

2. Seleção das escolas e autorização para realização dos diagnósticos. Foram selecionadas oito escolas que ofertassem os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º a 5º anos), sendo duas de cada realidade administrativa (municipal, estadual, particular e militar), escolhidas por conveniência (proximidade à universidade ou à residência de algum dos integrantes do projeto). A etapa de ensino foi escolhida por abranger a faixa etária infantil, propícia em termos de aprendizagem e propensa em termos de ludicidade ao desenvolvimento da motricidade. Esta etapa foi planejada para que os integrantes do projeto pudessem conhecer, comparar e utilizar diferentes escolas como

fonte de inspiração para posterior intervenção, agregando um conhecimento prático ao conhecimento teórico previamente adquirido. Das seis escolas, duas foram selecionadas para receberem intervenção, sendo uma municipal e uma estadual. A escolha dessas escolas deu-se por uma média entre os seguintes fatores: necessidade da escola; possibilidades de intervenção oferecidas pela escola; interesse do diretor; logística dos integrantes do projeto.

3. Diagnóstico dos espaços próprios e potenciais (originalmente destinados a outros fins, mas tornados possíveis após submetidos a um olhar pedagógico) para prática motriz nas escolas. Para esse diagnóstico, foi criado um roteiro de observação baseado nas manifestações da cultura corporal (jogo e brincadeira, esporte, ginástica, dança, luta e prática corporal de aventura) (BRASIL, 2017), aferindo se cada espaço escolar era próprio ou potencial para algumas dessas manifestações. O roteiro passou por análise e avaliação de dois professores doutores, sendo ajustado após os respectivos pareceres. Para realização do diagnóstico, houve contato e aprovação prévia por parte dos diretores das escolas. Junto ao diagnóstico, ainda *in loco*, foram pensadas e anotadas possibilidades de melhorias. Foram também tiradas fotografias dos espaços, a fim de ajudar na lembrança para posterior continuidade do planejamento das intervenções.

4. Aquisição dos materiais com ações de arrecadação junto à comunidade universitária e escolar: nesta etapa buscou-se a conscientização da comunidade universitária e de cada escola contemplada com a intervenção, para que contribuíssem com o projeto, que não contava com qualquer outro tipo de fonte de renda. Foram planejadas e realizadas duas ações: um bingo realizado em cada escola e uma vaquinha virtual divulgada entre a comunidade universitária e escolar e nas redes sociais dos integrantes do projeto.

5. Intervenção propriamente dita sobre os espaços das duas escolas selecionadas. Para tanto, os integrantes do projeto realizaram um planejamento de intervenção para cada escola, considerando as manifestações da cultura física, a situação da escola, os recursos adquiridos por meios das ações de arrecadação e as habilidades apresentadas ou não pelos integrantes do projeto. O planejamento foi apresentado aos diretores das escolas e reestruturado após os respectivos pareceres. Os materiais foram adquiridos após o planejamento estar concluído. Antes da intervenção na primeira escola, foram criados moldes de papel, papelão, lona ou madeira para utilização em pinturas e alguns pilotos foram realizados, para testar os moldes e para treinamento da equipe. Na data agendada com o diretor, cada escola recebeu a intervenção, que durou a quantidade de tempo necessária à finalização em um único dia (média de 10 horas de trabalho). A

intervenção em si foi feita coletivamente, numa ideia de incorporação de um verdadeiro espírito comunitário. Participaram o professor coordenador e os quatro alunos integrantes do projeto, além de alunos convidados exclusivamente para intervenção. A comunidade escolar também foi convidada e ofereceu suporte de materiais de limpeza (vassouras, panos) e lavagem, mas não participou da intervenção em si.

Os alunos integrantes foram avaliados pelo coordenador conforme a demonstração de apropriação de conhecimentos ao longo das fases de diagnóstico, planejamento e execução. A avaliação do Projeto em si foi feita especialmente a partir de fotos antes e depois da intervenção e de relatos de membros da comunidade escolar, especialmente o professor de Educação Física e o diretor da escola, após a intervenção nos espaços e estruturas da escola. Além disso, o projeto foi apresentado e avaliado por comissão específica no Seminário Final de Apresentação dos Projetos realizado pela Universidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à primeira etapa metodológica, foi percebido que os integrantes do projeto se apropriaram satisfatoriamente dos referenciais teóricos, especialmente o da cultura física, fato demonstrado tanto para construção do roteiro diagnóstico, quanto para realização do diagnóstico em si e posterior planejamento das intervenções, sempre tendo em vista as manifestações da cultura física e as ideias de adaptações estruturais próprias da praxiologia motriz, esporte para todos e desenvolvimento de potencialidades (talentos) humanas.

No diagnóstico, foi possível perceber muitas diferenças entre as escolas, mesmo quando pertenciam a um mesmo tipo administrativo. Apenas uma escola particular apresentou grande quantidade e qualidade de espaços próprios destinados a todas as manifestações da cultura física, exceto para as práticas corporais de aventura. As duas escolas estaduais, uma escola militar e a outra escola particular apresentavam quadra poliesportiva, mas nenhum outro espaço próprio. Uma escola municipal apresentava quadra poliesportiva e pinturas de jogos e brincadeiras, além de aros pendurados na tela de proteção da quadra, demonstrando uma ideia de ampliação da motricidade dos alunos, correspondente à defendida no projeto ora relatado. A outra escola municipal e a outra escola militar não apresentavam qualquer espaço próprio. Todas as escolas, contudo, apresentavam muitos espaços potenciais, especialmente relacionados a pátios e estacionamentos. Além disso, os espaços próprios para uma manifestação da cultura corporal

podem ser pensados também como potenciais para outras. Por exemplo, uma quadra poliesportiva normalmente destina-se à prática do basquetebol, futsal, handebol e voleibol, mas pode passar por adaptações pedagógicas e ser utilizada, também, para outros esportes, além de jogos e brincadeiras, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura. Importa destacar a baixa incidência de áreas verdes e playgrounds em todas as escolas.

A seleção das duas escolas, uma municipal e a outra estadual, para receber a intervenção acabou levando em conta dois fatores principais: a proximidade à universidade, favorecendo parcerias junto ao curso de Educação Física (atividades práticas como componente curricular, estágios, projetos etc.) e as condições que ofereciam para intervenção.

A escola municipal selecionada era a que não apresentava qualquer espaço próprio para motricidade, mas, em contrapartida, a que apresentava maior e melhor espaço potencial, com dois grandes pátios planos, sendo o maior deles com um grande muro ao longo de uma das laterais e uma rede de proteção cobrindo-o por completo.

A escola estadual selecionada apresentava dois pátios pequenos, um estacionamento e uma quadra poliesportiva. O planejamento inicial previa o aprimoramento de todos esses espaços, mas o diretor informou que havia previsão de reforma e pintura da quadra e que, embora os alunos normalmente tivessem liberdade de frequentar o estacionamento, havia a preocupação de que, após a intervenção, o fluxo aumentasse e algum problema (atropelamentos, danos aos veículos) pudesse acontecer. O planejamento, assim, foi revisto e restringiu-se aos dois pátios pequenos.

A etapa de angariação de recursos foi realizada com maior autonomia pelos alunos integrantes do projeto e mostrou-se um sucesso. Desde o diálogo com o diretor da escola, confecção de cartelas de bingo e organização das prendas até a realização do bingo em si, os acadêmicos demonstraram proatividade e autonomia. Aproveitando que era o mês da Páscoa, o bingo coadunou-se a festividades escolares com esse tema e utilizou cestas de chocolates sortidos como prêmios principais. Em ambas as escolas, o bingo (e o projeto de extensão) foi divulgado antecipadamente e realizado em dia e horário ajustados com a direção. Os alunos foram dispensados das aulas para participação no bingo e aqueles que não queriam participar realizaram outra atividade organizada pela própria escola. Uma média de 350 reais foi angariada em cada escola e, em ambas, os integrantes do projeto receberam elogios dos diretores, que se mostraram entusiasmados para que outras atividades do tipo fossem realizadas no futuro.

A vaquinha virtual, por sua vez, mostrou-se menos frutífera, gerando menos de 100 reais. Isso demonstra falhas na forma como foi conduzida pela equipe do projeto, mas, ao mesmo tempo, pouco envolvimento comunitário. Tendo-se em conta os valores adquiridos, a situação das escolas e as condições de habilidade dos integrantes do projeto, optou-se por uma intervenção exclusivamente baseada em pinturas, sem construção ou reforma de qualquer tipo de estrutura. Foram compradas tintas de diversas cores, próprias para pisos em espaços abertos, além de material de pintura em geral (pincéis, rolos, bandejas, fitas crepes etc.) e sprays de pintura em parede.

A intervenção em si, realizada após as etapas de planejamento e replanejamento, iniciou com convite a graduandos não integrantes do projeto, que atuaram como voluntários. Coordenador, integrantes e voluntários reuniram-se na própria universidade, levando consigo materiais próprios ou coletados junto a familiares, amigos e vizinhos, para construção dos moldes. Foram utilizadas cartolinas, papelões, lonas (banners em desuso) e madeiras, além de canetões, canetinhas, tesouras, colas etc. Todos os moldes foram construídos com base no roteiro de atividades (planta) construído durante o planejamento. Após a confecção dos moldes, um primeiro piloto foi feito na própria universidade e um segundo em uma das escolas selecionadas, para testar os moldes em si, bem como desenvolver e aprimorar as habilidades dos participantes. Importa destacar que nenhum integrante ou voluntário possuía qualquer formação ou experiência prévia formal em áreas de engenharia ou artísticas. As competências e habilidades de construção dos moldes, demarcações de pinturas e pintura em si foram adquiridas e aprimoradas ao longo da própria intervenção, sempre com muito zelo, trabalho em equipe e disposição para identificar, aceitar e corrigir erros.

Na escola estadual, como havia menos espaço disponível, a intervenção aconteceu primeiro e foi mais simples do que na municipal. Essencialmente, foram desenhados jogos e brincadeiras no chão de cada pequeno pátio. Em ambos, foi pintada uma brincadeira de amarelinha. Em um deles, foi também pintado um percurso motriz estilo twister (jogo de percurso utilizando um, dois, três ou quatro apoios dispostos aleatoriamente) e um percurso de equilíbrio (jogo com diferentes posições e deslocamentos dos pés). No outro, além da amarelinha, foi pintado um jogo do espelho (jogo de equilíbrio, percepção e domínio corporal, em que um participante imita os movimentos realizados pelo outro). Na somatória de todas as atividades pintadas, buscou-se estimular o desenvolvimento de competências motrizes básicas de consciência e domínio corporal, lateralidade e equilíbrio.

Em decorrência do espaço reduzido e demais fragilidades (limitação de recursos materiais e habilidades construtivas), não foram realizadas transformações específicas para cada manifestação da cultura física. Ressalta-se, contudo, que a escola já apresentava uma quadra poliesportiva e que as habilidades necessárias aos jogos/brincadeiras pintados contribuem para prática das manifestações da cultura corporal em geral. Ao final da intervenção, que ocorreu em um sábado, o diretor da escola não estava presente. Ao ser comunicado da finalização do trabalho e receber as fotos pelo WhatsApp, teceu o seguinte comentário: “Que maravilha, ficou muito bom, muito bom mesmo! Fiquei feliz com o resultado mas as crianças irão ficar mais felizes ainda”, fato confirmado por mensagens e fotografias subsequentes, encaminhadas pelos professores de educação física da escola. Para ilustrar o processo de transformação motriz da escola, a Figura 01 apresenta o antes, durante e depois de um dos espaços de intervenção (fotos das crianças utilizando os espaços não são apresentadas no presente Relato em razão de não haver sido colhido consentimento delas expreso para tal).

Figura 01 - Momentos da intervenção na escola estadual.



Fonte: os autores.

Na escola municipal, a intervenção foi mais completa e complexa, envolvendo objetivamente o estímulo ao desenvolvimento de eixos da cultura física a partir de pinturas no chão e muros. Assim como no caso da escola estadual, várias atividades de jogos e brincadeiras que desenvolvem a motricidade de maneira geral foram criadas, mas, além delas, foram pintadas atividades voltadas ao esporte, pois não havia quadra poliesportiva na escola. Em vez de uma simples pintura de quadra poliesportiva, optou-se pela pintura de uma série de estruturas em busca do desenvolvimento de habilidades motrizes de base para os esportes de invasão (basquetebol, handebol, futebol por exemplo), de rede e parede (voleibol, tênis por exemplo), de campo e taco (beisebol, por exemplo)

e de precisão (boliche, golfe por exemplo), conforme dirime a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (BRASIL, 2017).

Nesse intento, foram pintadas duas quadras grandes, cada uma ocupando a extensão de um dos pátios, além de quatro miniquadras transversais à quadra grande do pátio maior. Em cada uma dessas miniquadras, foi pintada uma trave e alvos diversos correspondentes no muro. Fora da quadra grande, foram pintados alvos semelhantes ao do *curling* (esporte no gelo) ou tiro com arco no chão e no muro. Esses espaços tornaram-se, assim, próprios para o desenvolvimento de esportes relativos às categorias citadas, ainda que, nesse caso, com a necessidade de utilização de algum material (bola, taco etc.) e, por vezes, com orientação do professor de educação física. Contudo, não deixam de poder ser utilizados autonomamente para jogos e brincadeiras diversas.

Além dos espaços voltados ao esporte, foram pintados, à exemplo do que foi feito na escola estadual, vários jogos e brincadeiras de coordenação e percurso. Foram pintadas três amarelinhas, dois jogos do espelho, dois jogos de percurso estilo *twister*, dois percursos de equilíbrio e duas traves (meio fios) de equilíbrio.

Como no caso da escola estadual, o diretor teceu diversos elogios e enviou fotos das crianças utilizando os espaços. O interesse delas pelos espaços, inclusive, foi visivelmente percebido, pois a intervenção aconteceu em dia de aula e não foram poucas as crianças que paravam para olhar as pinturas e perguntavam o que era e se já podiam utilizar. Para ilustrar o processo de transformação motriz da escola, a Figura 02 apresenta o antes, durante e depois de um dos espaços de intervenção.

Figura 02 - Momentos da intervenção na escola municipal.



Fonte: os autores.

A repercussão da intervenção no cotidiano das crianças e a influência exercida na comunidade foram de tal tamanho que a equipe do projeto foi convidada pelo diretor para

participar de evento junto à comunidade, recebendo agradecimentos e uma homenagem. Em ambas as escolas, os diretores mostraram-se abertos e entusiasmados em receber a equipe do projeto e o curso de Educação Física da Universidade para intervenções futuras e parcerias em geral.

No Seminário Final de Apresentação dos Projetos realizado pela Universidade, o projeto foi avaliado muito positivamente pela banca, recebendo elogios e convite para integrar outros projetos da Universidade voltados ao desenvolvimento das comunidades escolares do estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A efetivação do projeto de extensão Ciência, Comunitarismo e Transformação Motriz da Escola mostrou-se desafiadora desde o seu início, por vários motivos, dos quais destacam-se: a própria dificuldade de infraestrutura das escolas públicas brasileiras, o que não é diferente no município objeto deste relato; a diversidade de realidades que sabidamente seriam identificadas pelo diagnóstico, e que exigiriam diferentes tipos de intervenção; a falta de recursos financeiros e materiais, que poderiam ou não ser angariados a partir de apoio comunitário e em maior ou menor medida; a falta de experiência e habilidades dos integrantes do projeto, que aventuraram-se (não no sentido de fazer com descuido, mas sim de encarar algo novo) pela primeira vez em projeto dessa natureza; a incerteza sobre a aceitação ou não das escolas e sobre os próprios resultados, que, devidos aos demais fatores listados, poderiam ser desastrosos.

Contudo, com boa intenção, entusiasmo, dedicação, estudo, planejamento, trabalho em equipe e criatividade, os desafios foram superados e os objetivos atingidos. Em relação a muito do que foi feito, apesar de todo planejamento, aprendeu-se fazendo e, por vezes, errando. Sempre que um erro foi detectado, todos se apoiaram para corrigi-lo a fim de entregar o melhor resultado possível ao público-alvo beneficiado pelo projeto: as crianças. Esse, inclusive, sempre foi o fator principal de motivação e zelo para com o projeto: o bem-estar e desenvolvimento das crianças, a fim de aprimorar suas condições de dignidade, de cidadania, de ser humano, de ser que se movimenta e se desenvolve de maneira rica, diversificada, qualitativa e autônoma.

Espera-se que projeto possa servir de exemplo não apenas para outros projetos de extensão, mas também para políticas públicas de educação, esporte, lazer e saúde, aprimorando de maneira semelhante não apenas os espaços escolares, mas também outros espaços públicos como parques, praças, pátios e a própria malha viária.

REFERÊNCIAS

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Tradução: COSTA, Machado da. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Teoria e prática do esporte para todos (1982-1983)**. Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura, 1983.

CAGIGAL, José María. **Cultura intelectual y cultura física**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1979.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino da Educação Física** (Coleção magistério 2º grau, série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Lamartine Pereira da. **Teoria e prática do esporte comunitário e de massa**. Rio de Janeiro: Palestra, 1981.

COSTA, Lamartine Pereira da; TAKAHASHI, George Massao. **Fundamentos do esporte para todos 1983**. Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura, 1983.

COUNCIL OF EUROPE. **Resolution (76) 41 - On The Principles For A Policy Of Sport For All**. Strasbourg: Committee of Ministers, 1976.

COUNCIL OF EUROPE. **Recommendation No. R (92) 13 Rev - On the Revised European Sports Charter**. Strasbourg: Committee of Ministers, 2001.

COYLE, Daniel. **O código do talento**. Lisboa: Livros d’Hoje, 2009.

DIECKERT, Jürgen. **Esporte de lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Manifesto Mundial da Educação Física – FIEP/2000**. Foz do Iguaçu: Federação Internacional de Educação Física, 2000.

GAYA, Adroaldo; GAYA, Anelise. O esporte como manifestação da cultura corporal de movimento. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira do; RAMOS, Valmor; TAVARES, Fernando (Org.). **Jogos desportivos: formação e investigação (Coleção Temas em Movimento, volume 4)**. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 41-56.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, 2012.

HERNÁNDEZ MORENO, José. **Fundamentos del deporte – análisis de las estructuras del juego deportivo**. 3ª edición. Barcelona: INDE, 2005.

MÉNDEZ GIMÉNEZ, Antonio (Coor.). **Modelos actuales de iniciación deportiva – unidades didácticas sobre deportes de invasión**. Sevilla: Wanceulen, 2009.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deporte y sociedad – léxico de praxiología motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PEREIRA, Lamartine. **Esportes**. Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1980.

THORPE, Rod; BUNKER, David; ALMOND, Les. **Rethinking games teaching**. Loughborough: Department of Physical Education and Sports Science. University of Technology, 1986.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Esporte e cultura física**. São Paulo: IBRASA, 1992.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2015.